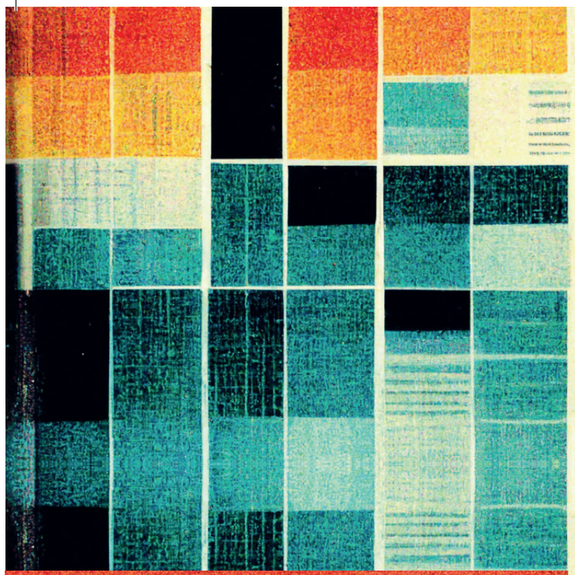
trapontístico. Não podemos mergulhar nas distopias e nos afogar nelas. É preciso buscar o equilíbrio da balança. Encontra-se na ambivalência a característica mais marcante das tecnologias, desde que elas começaram a se instalar na era eletromecânica, acentuando-se cada vez mais na eletroeletrônica e culminando na digitalização, hoje datificação. É preciso encontrar, no outro lado da balança, a potência do defrontamento. Afinal, não se pode entregar os pontos para a pulsão de morte. Eros tem que assumir o seu protagonismo.

O leitor deste livro haverá de concordar que, sem escapar sub-repticiamente por caminhos alienantes, os autores dos onze ensaios aqui incluídos puseram-se frente a frente com os dilemas e impasses atuais que nos assombram. Mas haverá de concordar também que o simples ato de enfrentar os dilemas, com a potência do pensamento que sente enquanto pensa, já é uma maneira de assumir, junto a Eros, o protagonismo das forças vitais de preservação dos valores, justo aqueles que nos fazem humanos e que nos dignificam como espécie.

LUCIA SANTAELLA é pesquisadora 1A do CNPq e professora titular na pós-graduação em comunicação e semiótica e em tecnologias da inteligência e *design* digital (PUC-SP). É doutora em teoria literária pela PUC-SP e livre-docente em ciências da comunicação pela USP. Fez doze estágios de pós-doutorado no exterior e foi professora e pesquisadora convidada em várias universidades europeias e latino-americanas. Já levou à defesa 275 mestres e doutores. É autora de 54 livros e organizadora de 29, além de ter publicado quase quinhentos artigos no Brasil e no exterior. Recebeu os prêmios Jabuti (2002, 2009, 2011, 2014), Sergio Motta (2005) e Luiz Beltrão (2010).



Tomar como fio condutor um dos grandes temas do momento, a *human-centered AI* (inteligência artificial centrada no humano), é um achado. Mas é preciso ir além das propostas ainda muito presas aos avanços técnicos de *machine learning* e *deep learning* e, naquilo que diz respeito ao humano, ir além de preocupações restritas à questão social da transformação do trabalho. Os impasses são mais vastos.

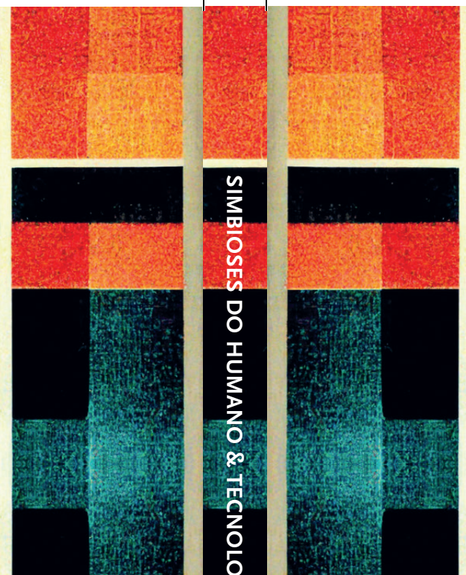
Mais recentemente, o tema da ética passou a ganhar grande destaque, devido às externalidades negativas das tecnologias, desde sempre ambivalentes. Ora, falar em ética é penetrar no cerne humano, algo bem mais profundo do que elencar algumas regras gerais, fundamentais, mas que, infelizmente, não levam em consideração os dilemas éticos tão discutidos na história da filosofia e presentes na geodiversidade cultural.

Cátedra Oscar Sala
cgi.br Comitê Gestor da Internet no Brasil
ISBN 978-65-5785-108-1
edusp 60 anos

SIMBIOSES DO HUMANO & TECNOLOGIAS

LUCIA SANTAELLA (org.)

ie A edusp



ie A edusp



SIMBIOSES DO HUMANO & TECNOLOGIAS

LUCIA SANTAELLA (org.)

É difícil negar que as simbioses do humano e tecnologias estejam, efetivamente, nos conduzindo a visões distópicas que parecem irremediáveis. Para enfrentá-las, propõe-se começar pela expulsão de qualquer pensamento que considere as tecnologias como corpos estranhos ao humano. Ao contrário: porque fala, o ser humano é tecnológico de saída. Já disse Freud que o humano é um ser desnaturado no sentido de estar na natureza e fora dela ao mesmo tempo, uma ideia que foi também desenvolvida por Morin, em *O Enigma do Homem*, sob o nome de "brecha antropológica". Conforme as tecnologias avançam e se sofisticam, elas vão ao mesmo tempo expandindo as contradições e os paradoxos que o *sapiens* sempre carregou consigo. No estágio em que hoje estamos, a brecha antropológica se dilatou, os efeitos colaterais das tecnologias pululam e se acumulam a uma velocidade tal que fica difícil encontrar caminhos de superação no mesmo ritmo.

Os pontos nevrálgicos que as sociedades e o psiquismo humano hoje enfrentam são muitos. Os mais flagrantes são trabalhados pelos autores deste livro: a deterioração da biosfera sob efeito do Capitaloceno (um nome bem melhor do que Antropoceno, visto que explicita com mais precisão sua causa determinante), as externalidades negativas da datificação e da inteligência artificial – IA (que deveria ter surgido para ajudar, e não para atrapalhar) e o grande tema do momento, que tem esquentado mentes e atordoado corações: a disseminação da mentira e o flagelo da desinformação, que converteram em pesadelo o antigo sonho da democratização da palavra e a cidadania saudável dela decorrente.

Não foi de modo algum casual ter projetado os subtemas da cátedra no modo con-